

MANIF ESTO



OBSERVATÓRIO
POPULAR CIDADE
DO ANJO

MANIFESTO

OBSERVATÓRIO POPULAR

CIDADE DO ANJO

© 2010 - 2024

OPOCA - Observatório Popular Cidade do Anjo

ASAS - Associação Sãomiguelense para Sustentabilidade



Seu envolvimento causa impacto

Financie o Observatório Popular Cidade do Anjo

Com a sua contribuição, nós nos fortalecemos em comunidade e você participa desse movimento que tem causado impactos positivos e contínuos em nossas realidades.

CONHEÇA AS FORMAS DE APOIO

EQUIPE OPOCA Maria Aparecida Fogaça Terra, Tiago Miguel Knob, Júlia Marques Galvão, Daniel Knob, Sofia Marques Medeiros, Letícia Renault, Rafael Francis, Paula Daniel Fogaça, Marcos Fernandes, Kaíque Lopes, Gustavo Collins, Gabriela Balboni, Aline Seabra Beato, Silvia Regina Muniz, Maria José Almeida, Cristiane Costa, Fabián Cevallos Vivar, Maísa Antunes, Beatriz Beisiegel **Conselho Diretivo** Rodrigo Castro Francini Rocha, Maria Aparecida Fogaça Terra Knob, Júlia Marques Galvão, Paula Daniel Fogaça, Daniel Knob, Marcos Fernandes, Tiago Miguel Knob, Cristiane Demétrio, Rosana Rocha **Conselho de Mães** Maria José Almeida, Silvia Regina Muniz, Amanda Tomaz do Nascimento, Viviane Gonçalves de Araújo, Alcinda Tomaz do Nascimento, Sônia Nakamura, Cristiane Costa **Conselho de Jovens** Kaíque Lopes de Freitas, Gustavo Tomaz do Nascimento, Augusto Tomaz do Nascimento, Gustavo Henrique dos Passos, Christopher Gonçalves de Araújo **Diretoria Administrativa** Cristiane Demétrio, Rafael Francis, Luciana Miranda Amgarten, Irene Maia Dias, Rosana da Rocha Lima Castro, Felipe Fogaça, Sônia Harumi Nakamura, Alexia Liara Cunha, Rodolfo Cicaglioni, Sabrina Lima Cicaglioni, Ângelo Antônio de Almeida Bueno.

PARCERIAS



REDE DE APOIO Valéria Ferreira da Nave, Selene Previato Sacadura, Sueli Marques, Maria Aparecida Fogaça Terra knob, Paulo Knob, Márcio Marchesin, Daniela Xavier M. R. Alves, Carlos Eduardo Galvão, Simone Stalivieri Knob, Didil Vasconcelos, Felipe Fogaça, Ari Lima, Lúcia Lima, Maurício Fogaça Albach, Eduardo P. Alves, Sabrina Lima Cicaglioni, Rodolfo Cicaglioni, Adriana Akutsu, Ivana Moisés, Nazaré Guedes, Sônia Nakamura, Sônia Knob, Maria Cândida Delgado Reis.

UM OBSERVATÓRIO DE LUTA POPULAR

A gente observa, daqui, desse canto, entre o esgoto passando pelos pés de crianças, como o político se movimenta. Para onde vão os seus interesses, o recurso público que ele se apropria e distribui, os afagos, as falas, os discursos.

Daqui, desse nosso cotidiano, sob os lamentos do estupro da criança, a gente observa as prioridades. Dá pra ouvir a festa da uva, observar a quantidade de dinheiro público destinado a ela, o lucro do empresário que a realiza, o grito do jovem espancado e a falta de dinheiro, tanto público quanto privado, destinado à criança, ao seu cuidado, à sua proteção, aos seus direitos, à cultura, ao esporte, ao lazer, à prevenção das tantas violências que a violam.

Junto à molecada violentamente atraída pelo crime organizado do tráfico de drogas, aquele, como diz o jovem, que faz mais pela comunidade do que todos os outros poderes juntos, a gente observa, com o jovem, as ausências de psicólogos, assistentes sociais, pedagogos, artistas – com exceção dos locais, sem apoio –, professores, esportistas, cientistas, políticos, padres... Exergamos a polícia, as suas armas, a truculência, o menino de doze anos sendo levado, a violência, o desespero; ouvimos os tiros.

Daqui, desse nosso canto agrícola e sem alimento, da insegurança alimentar e nutricional, da fome da criança, a gente observa o eucalipto de alguns sugando toda a água do solo, que é de todos; a agricultura familiar, a produção de alimento orgânico e diverso, sendo roubada pela monocultura e o seu veneno, a água sendo poluída, a degradação do solo, o câncer

no trabalhador, o desmatamento; as mudanças no clima, a falta da água; a concentração de terras e riqueza; a falta de terra e trabalho.

Daqui, desse canto nosso, a gente vê mulheres, que exemplificam o significado da palavra dignidade, sazonalmente, com o corpo já castigado pelos anos de colheita, subindo nos ônibus denominados rurais.

Observamos para onde vão, para quais fazendas, quais meeiros as recrutam, quem são os donos de um trabalho análogo à escravidão. Sentimos a jornada exaustiva, o veneno sem proteção, o calor, a chuva, o frio, a aranha, as formigas, o agachar e o levantar ininterruptos para catar as raízes; as dores no corpo.

A gente calcula as toneladas de batata que elas tiram da terra para pôr nos caminhões, a riqueza que geram; a gente observa as condições degradantes de trabalho; quanta água quente é destinada a elas ao longo do dia; a ausência de banheiros; qual o valor pago pelo dia de trabalho. Quanto lucra o dono do empreendimento. Quanto falta em suas casas, quanto sobra em suas fazendas. Quanto geram de impostos. Quanto volta para suas comunidades.

Assim como ouvimos a assistente social, o empresário, a instituição filantrópica, o político, o padre, negando essa realidade, daqui, a gente vê, também, as crianças e os adolescentes, assim como elas fizeram, iniciando cedo essa jornada destinada ao povo, a São Miguel.

Daqui, a gente vê e sente na pele a vida sendo negada.

Mas é daqui, também, que ela, a vida, reage!

OBSERVATÓRIO POPULAR CIDADE DO ANJO,
pela afirmação da dignidade humana, comunitária e ecológica.



SUMÁRIO

08

INTRODUÇÃO

12

METODOLOGIA DA
UTOPIA: ANDA POR
TUA CIDADE

A construção do *novo*
a partir do cotidiano

16

ESTRATÉGIAS,
CONCEITOS E
PRÁTICAS

20

SÃO MIGUEL ARCANJO,
A CIDADE DO ANJO
Uma crítica ética como
um momento de luta
pela vida

25

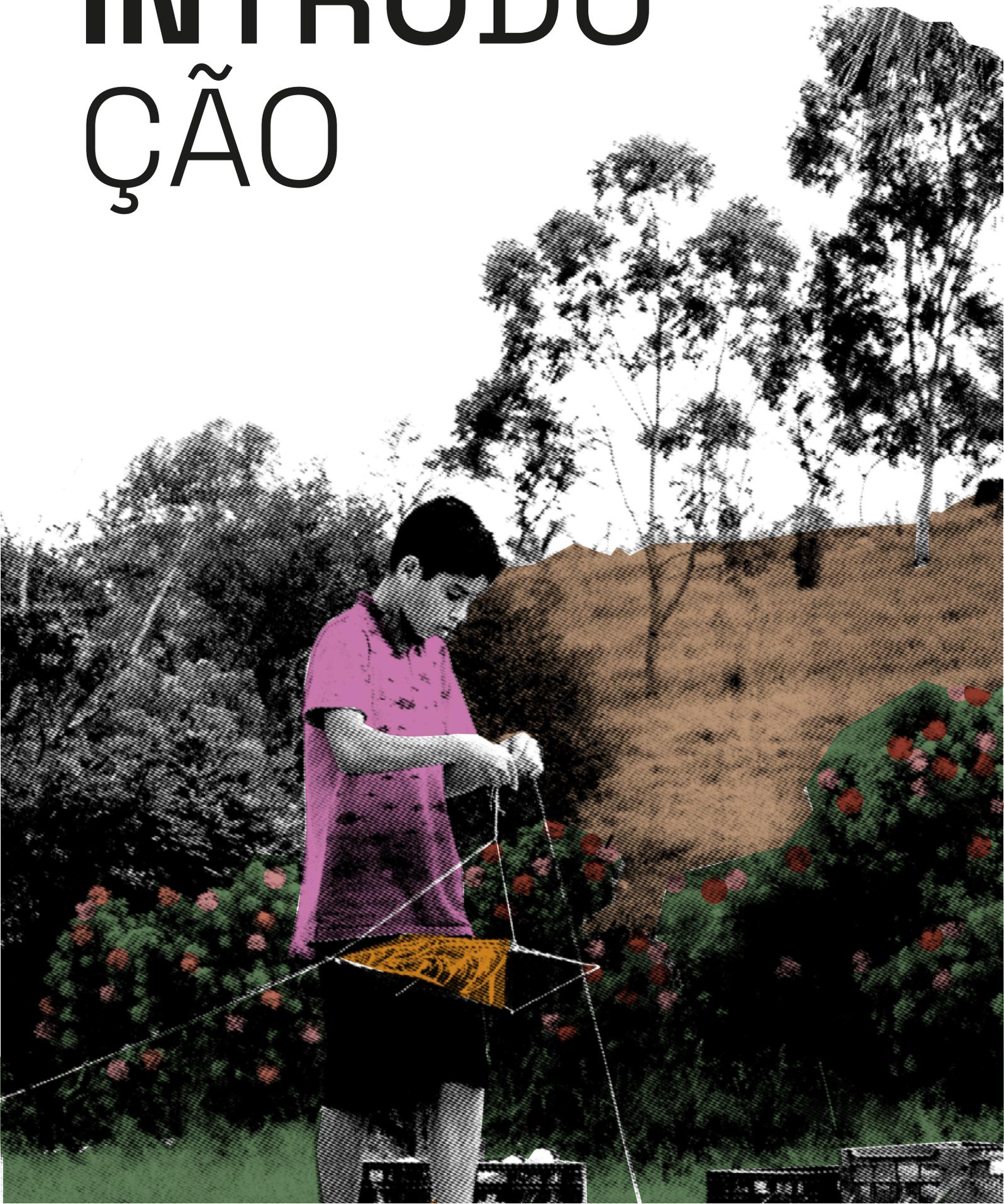
PEDAGOGIA DA UTOPIA

Esperança: Os momentos
para uma pedagogia
movidada pela esperança

30

HISTÓRICO

INTRODU ÇÃO



A humanidade atravessa uma crise sem precedentes movida pelo modo de vida moderno e os seus alicerces culturais, políticos, econômicos e sociais. A vida na Terra enfrenta desafios difíceis de serem superados enquanto não houver forças coletivas, populares, artísticas, culturais, políticas, econômicas, científicas capazes de fazer frente a esses desafios e aos poderes que os produzem.

Superar as ameaças aos ecossistemas está entre as tarefas mais urgentes. As mudanças climáticas, a perda de biodiversidade, a degradação do solo, a poluição do ar e da água, o envenenamento por agrotóxicos, dentre outras consequências diretas de como a sociedade moderna interage com o meio ambiente está ameaçando a sustentabilidade do planeta e a sua capacidade de suportar a vida humana e outras espécies.

A cultura do consumo insaciável e da produção de bens materiais supérfluos atrelada ao uso dos combustíveis fósseis e ao desmatamento, em função do acúmulo também insaciável de capital, estão entre as raízes desses problemas e produzem, para além das catástrofes ecológicas, as catástrofes na vida humana, comunitária e cotidiana.

A desigualdade social e econômica que se amplifica de maneira obscena para a concentração da riqueza global, ainda na terceira década século XXI, é o produto de modelos político-sócio-econômicos que se apropriam e reproduzem uma distribuição desigual de recursos, de meios de vida e de meios de produção, impondo a comunidades locais, periferias e suas populações, o trabalho estrutural porém precarizado de sua economia, a miséria, o abandono puro, a força policial e as violências que geram as mais dramáticas formas de sofrimentos humanos em seu seio, principalmente às suas crianças, jovens, mulheres e idosos.

Diretamente relacionadas à desigualdade sócio-econômica e como fonte de sua manutenção, estão as disparidades de uma educação desigual, as possibilidades desiguais ao lazer, à arte, à saúde, ao esporte, à produção científica, à possibilidade de produzir conhecimento próprio, de reconhecer e desenvolver a própria cultura, o próprio cotidiano; e as disparidades nas capacidades representacionais e comunicativas, organizacionais e de participação autônoma de comunidades, populações e povos em processos legítimos de tomada de decisões significativas para as suas vidas, ou seja, de disparidades no poder político e institucional, gerando o enfraquecimento da democracia ou mantendo-a inócua.

Os modos de vida que não se adaptam ou não pretendem se adequar aos preceitos das agendas culturais e econômicas predominantes e suas imposições, sofrem violências impregnadas e estruturantes das suas sociedades, massacrados por guerras, genocídios, pelo racismo, machismo, homofobia, aporofobia em um momento de intensificação ou clarividência das disputas ideológicas, dos ódios, da intolerância religiosa, da decadência cognitiva, da decadência ética e de uma crise de valores que promovem o reforço dos conflitos culturais e de visões de mundo distintas, em detrimento da atenção e das cooperações necessárias para a superação dos desafios dos nossos tempos.

A interrelação entre esses distintos eixos de violência que se produzem, reproduzem e se reforçam mutuamente, torna ainda mais desafiadora a tarefa de abordá-los com soluções efetivas, objetivos factíveis, em rede e que levem em consideração a sua interconexão, a urgência e o impacto global de que precisamos.

Como resposta a esses dilemas globais, apostamos, aqui, em um caminhar que se ampara na constituição de uma Instituição sustentada em um novo paradigma de produção de conhecimentos e de práticas políticas, culturais, econômicas e sociais ancoradas nas demandas e nos desafios do cotidiano, seus

territórios e suas gentes; no cuidado mútuo, na construção coletiva de sentidos, no coletivo, no fortalecimento de vínculos familiares, comunitários e institucionais; no exercício da solidariedade; no enfrentamento às relações desiguais de poder locais e de sua produção de injustiças; na busca pela compreensão compartilhada, em comunidade, sobre as realidades, o porquê das suas violências e como superá-las.

Esse processo local de produção coletiva de conhecimento, e que chamamos também de construção de justiça cognitiva, se conecta à sustentabilidade do planeta e em seus desafios; compreende a abordagem de tecnologias específicas como fundamentais para a superação da degradação do meio ambiente; no fortalecimento da democracia como um antídoto à corrupção que impõe à maior parte das populações os seus interesses próprios e as ideologias que os mascaram; no reconhecimento de modos de vida que carregam solidariedades; no cuidado e; na abertura para conhecer, reconhecer e dialogar com as diversas culturas, os diversos saberes, as diversas formas de organização da vida e de atuação no mundo para a constituição de pontes e redes capazes de gerar força política para enfrentar os desafios que estão a nossa frente.

O OPOCA, paradoxalmente, em meio à tormenta global que nos afeta, aposta nessa sua utopia local, crítica, cotidiana, popular, concreta, possível, fundamentada no desenvolvimento da vida humana, cultural, ecológica e comunitária e na crença na pluralidade cultural, no diálogo horizontal, em rede, entre esses diferentes espaços, territórios, movimentos, pessoas, instituições, universidades, organizações internacionais, coletivos, governos, povos, comunidades que, em suas distintas frentes, criam alternativas políticas, sociais, científicas, populares, artísticas, econômicas, tecnológicas, culturais, dispostos também, cada um ao seu modo, a superar as violências e a constituir sociedades mais justas, solidárias e possíveis.

MEDOTOLOGIA DA UTOPIA

ANDA POR TUA CIDADE

A construção do *novo* a partir do cotidiano



Anda por tua cidade. Caminha por seus escombros, por suas belezas, gentilezas, por suas perversidades.... Palmilha essa instância querida..., e sob a garoa ou sol ou sombra encontra, escuta, conversa, vê, diz! Permeia histórias diversas, sente. Percorre vidas alegres, transita por almas machucadas, despedaçadas. Toma os bondes, entra nos bares. Caminha e bebe – partilha!, compartilha. Caminha! Trilha por tuas vontades e pelas necessidades do teu povo. Aprende, educa, se educa. Abraça teus concidadãos e constrói daí, com os olhos de tua gente, o novo.

Anda por tua cidade. Caminha por suas entranhas, por onde a vida acontece e tudo vive, “deseja, estremece, palpita, murmura e sonha”. Vive, pois, o cotidiano. Esse “braseiro de mundos”, de vidas, de encontros que “o tempo não esgota” e “todas se cruzam, beijam, penetram”, se correspondem. Se embrenha por essa “teia vertiginosa de fios sem fim, de fios móveis, onde-antes, cambiantes, urdindo-se ela mesma, na eternidade impenetrável, sem ninguém ver o tecelão” ... Tenta ver. Tenta entender... Vagueia por esses espaços onde “rigidez, solidez, inércia, não existem”, porque “na fraga mais dura, no bronze mais compacto circulam desejos, dramas, turbilhões de moléculas e vontades”. E sob os rostos mais alegres ou tristes, falantes ou silenciosos se alicerçam saberes, sabedorias, virtudes, medos, anseios, experiências. Penetra. Convive. Dialoga. É tudo “vago, indistinto, confuso, num rumor longo e subterrâneo. Não se destacam, não se desenham as formas”. Procura. Conhece.... Queiras estar onde estás...

Anda por tua cidade. Olha os rostos, vê as paredes, os grafites... criam, gritam. Ouve as falas, sê as gentes. Esquece tua idade e descrença. Entra no orfanato, convive. Sai dele. Caminha pelas vielas, cortiços, favelas; pelas prisões, escolas e condomínios de grades de ferro, de grades de aço; de cercas elétricas e de

câmeras de vigilância. De muros altos de pedras, ignorâncias; de tijolos e preconceitos perscrutando, investigando nos segredos de seus recantos, teus próprios recônditos. Examina no desconhecido, irrefletido ou ignorado da cidade, o seu âmago oculto, pessoal, encoberto. Há sempre relações entre os espaços e as gentes. Entre nós e as perversidades. Entre as bonitezas e nós. E entre nós e os outros. Reconhece.

E “há em cada alma infinitudes de almas. E umas tão horríveis e loucas que as escondemos para que as não vejam; e outras tão inconscientes e profundas que, habitando conosco, as não chegamos sequer a conhecer”. Conhece, então, discerne. Há outras corajosas que havemos de as deixar transparecer e agir; e ainda outras rebeldes que se as deixarmos aprender, falar e interagir, vão ganhando força e saberes enquanto caminham; e outras ainda cautelosas e pacientes que havemos de as deixar nos conter, manter, resistir, persistir, esperar.

Adentra, reflete, conhece. É com extrema dificuldade que o olhar interior projeta sobre si mesmo uma luz (Bloch, [1959] 2005: 132). Projeta, pois, essa luz e confessa. Mas se empenha por confessar uma “confissão verdadeira, plena, absoluta”, tal qual a filósofa que “a música misteriosa do universo” ela sente; ou como o poeta que no coração “repercute a dor eterna da natureza”, e que “ao cabo de oscilações, dúvidas e desânimos, coordena a idealidade do ser com as aparências do ser, o espírito com as formas”. Percebe nas essências as formas que elas adquirem; e nos contornos que se desenham, encontra o seu eu oprimido e o seu eu opressor.

É pelo fato de se voltar sobre si mesmo que o olhar franco e aberto é comprovado (Bloch, [1959] 2005: 164). Procura, então, as cores e as sombras que as formas vão herdando e com a força que a nitidez oprime, se esforça por libertar um superando o outro (o oprimido e o opressor). São muitos e complexos. As máscaras são brancas mesmo em peles negras; e os jeitos e os trejeitos são do patriarca, dono de tudo, do capital e de toda a gente, mesmo em corpos pobres e de mulheres jovens. E uns se

sustentam nos outros e por vezes vivem todos entrelaçados entre eles. Apreende. Confessa mesmo que se em silêncio for e começa por superar em si o que no sistema, nas estruturas, nas instituições, no cotidiano, nega, castiga e, em última instância, mata. Liberta em si o que permite à vida viver. Permite deixar formar o que afirma a vida humana. Deixa essa essência ganhar forma e deixa a forma ser regenerada por essa essência que, enquanto caminha e absorve, também vai se regenerando.

Anda, pois, por tua cidade enquanto aprende, ensina, desaprende, se educa. Caminha enquanto faz e se refaz. Permanece viva! Permanece vivo! O cotidiano, assim como nós, é um emaranhado contraditório de nós. Um e outro são espaços privilegiados da utopia.

REFERÊNCIAS

*Texto inspirado no poema **Querência** de Rodrigo Castro Francini Rocha.*

*Bloch, Ernst (2005 [1959]). **O Princípio Esperança**. Volume 1. Trad. Nélio Schneider. Rio de Janeiro: EdUERJ: Contraponto.*

As frases “entre aspas” são de: Junqueiro, Guerra (2017). Prefácio. In: Brandão (2017), Os Pobres. Guimarães : Opera Omnia, pp. 9-22.

CONTINUE A LEITURA EM

opoca.org/metodologia-da-utopia



ESTRATÉGIAS CONCEITOS E PRÁTICAS

UMA UTOPIA DOS CANTOS, BECOS, CENTROS E CAMPOS

O Observatório Popular Cidade do Anjo é uma utopia dos cantos, becos, centros e campos de São Miguel Arcanjo, interior do Estado de São Paulo, Brasil. Uma instituição que caminha em comunidade como um espaço permanente para a produção de conhecimentos de forma compartilhada sobre a realidade para a experimentação de alternativas, de ações e para a realização de projetos que façam sentido às pessoas envolvidas, ao meio ambiente e às comunidades.

UMA LUTA INTRANSIGENTE E RADICAL PELA AFIRMAÇÃO DA VIDA HUMANA E COMUNITÁRIA

O OPOCA se organiza da ação e da reinvenção criativa de jovens, crianças, mães, mulheres e homens que constroem no cotidiano, em meio a violências de todos os tipos, simbólicas e materiais, suas práticas, experiências, estratégias e conhecimentos que possibilitam a sobrevivência, geram resistências, solidariedades e alternativas, assumindo, nesse entrelaçado de forças e emergências, o fio condutor para repensar as relações e as ações nos espaços e tempos habitados, revelar as hierarquias entre os poderes, instituições e saberes e desenvolver ações culturais, artísticas, ambientais e políticas que afirmem a dignidade humana.

SÃO DOIS OS OBJETIVOS GERAIS DO OPOCA

Potencializar a nossa capacidade crítica como comunidade para desestabilizar as práticas existentes e monoculturais de saber que produzem e reproduzem as violências e os silenciamentos políticos, sociais e culturais para a experimentação permanente de alternativas, de ações e de projetos que afirmem a dignidade e o desenvolvimento da vida humana, ecológica e comunitária.

VALORES

Ética, Solidariedade, Coletividade, Justiça, Diversidade, Comunidade, Cuidado.

CONCEITOS E ESCOLAS-CHAVE

Pós-colonialismos, Decolonial, Justiça Cognitiva, Homo Serviens, Pedagogia do Oprimido, Ética da Libertação, Política da Libertação, Epistemologias do Sul, Biologia do Conhecimento, Trabalho Terapêutico de Rede.

COMO CAMINHAMOS

O OPOCA é uma Instituição de organização em comunidade para a pesquisa e para a atuação que objetivam encontrar caminhos para o fortalecimento da democracia e a superação das desigualdades e dos silenciamentos culturais, políticos e sociais.

CONSTRUÇÃO DE JUSTIÇA COGNITIVA

Para o OPOCA, a produção de conhecimentos nascidos das *gentes* e de suas experiências sociais, desloca o sentido da produção do saber, integra o cruzamento de vários saberes e representa um projeto social e político de transformação das relações sociais enquanto postula um projeto epistêmico e metodológico alternativo de elaboração de conhecimentos que é, por fim, um fundamento e uma formulação para a construção de justiça social.

Este processo é a base para a construção de democracias e é com este objetivo que o Observatório Popular Cidade do Anjo atua para o desenvolvimento de um caminhar nascido das *gentes*, dos saberes e das práticas de saberes do cotidiano para qualificar em comunidade e de maneira compartilhada as compreensões sobre as realidades e sobre as ações capazes de possibilitar alternativas às violências políticas e culturais que afetam os diversos âmbitos da vida humana em São Miguel Arcanjo.

A PRODUÇÃO DE CONHECIMENTOS NOS ESPAÇOS EM QUE A VIDA ACONTECE

O OPOCA, nesse sentido, se propõe como um espaço privilegiado para o diálogo e para as aprendizagens que objetivam, no cotidiano, qualificar a capacidade de criar em comunidade alternativas para a construção de justiça social. Para tanto, caminha através de encontros, estudos e diálogos – as Rodas de Encontros – para elaborar, produzir e influenciar políticas públicas e para o desenvolvimento de ações e projetos em seus

espaços permanentes de pesquisa, experimentação e atuação: Cultura, Educação, Sustentabilidade e Direitos Humanos, assumindo, como eixo transversal, o enfoque de gênero, classe e raça.

RODAS DE ENCONTROS

As Rodas de Encontros são espaços de discussão, debates e de estudos para o exercício de uma ecologia cotidiana de saberes e para a produção de conhecimentos em que a ciência humana ou social crítica se integra, articulada ou organicamente, à reflexão prática, aos saberes e aos conhecimentos das comunidades envolvidas.

Nesse processo, o exercício das Rodas de Encontros terá duas tarefas prioritárias: **a)** a crítica científica da eticidade vigente (seja norma, ato, instituição ou sistema), como o momento negativo ou de razão crítica desconstrutiva e; **b)** a projeção criativa, que é a função crítica em seu momento positivo e a própria postulação para a superação das violências e para experimentação de alternativas às realidades.

SÃO MIGUEL ARCAN JO, A CIDADE DO ANJO

Uma crítica ética como um momento de
luta pela vida



A cidade de São Miguel Arcanjo é rodeada por fazendas, grandes produções da monocultura agrícola e por reservas de Mata Atlântica intocadas, região reconhecida como um dos mais importantes refúgios de vida silvestre do planeta, e que recebeu, inclusive, por essa importância, da Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura em 1999, o título de Sítio do Patrimônio Mundial da Humanidade. A mesma região é conhecida e reconhecida, também, como o Cinturão da Miséria do Estado de São Paulo. Uma realidade, aqui, com seus pouco mais de 32 mil habitantes, movida também por sua forte tradição político-religiosa, que elevou, em 21 de setembro de 2013, sua igreja matriz a santuário de seu padroeiro, o Arcanjo Miguel. Foi quando nós elevamos nossa cidade à Cidade do Anjo.

Miguel é um arcanjo nas doutrinas religiosas judaicas, cristãs e islâmicas e considerado, por tais, o líder do exército de Deus, das forças celestes, na guerra contra as forças do mal. Uma força descrita no livro Apocalipse quando em batalha nos céus, comandando a legião dos anjos de Deus, vence Lúcifer: “Houve no céu uma guerra, pelejando Miguel e seus anjos contra o dragão. O dragão e seus anjos pelejaram, e não prevaleceram; nem o seu lugar se achou mais no céu. Foi precipitado o grande dragão, a antiga serpente, que se chama Diabo e Satanás, aquele que engana todo o mundo; sim, foi precipitado na terra, e precipitados com ele os seus anjos”.

Miguel pode significar em hebraico “aquele que é similar a (como) Deus”, ou aquele que questiona: “quem como deus” – (mi-“aquele/quem”, ka-“como”, El”deus”) –; e é o mencionado, na mesma Bíblia Hebraica, como o Arcanjo que se levantará diante das injustiças e a favor dos filhos de seu povo quando o tempo de tribulação chegar, como anuncia o Profeta Daniel: “Nesse tempo se levantará Miguel, o grande príncipe que defende as crianças do seu povo...”

Aqui, nesse nosso tempo de tribulações, nada mais distante é o que acontece na cidade comanda por seus homens e mulheres, muito em especial homens, autoproclamados(as) cidadãos(ãs) de bem e, agora, portanto, sede do santuário do Arcanjo em que boa parte de seu povo, inclusive muitos de nós, deposita sua fé.

Assim, como em tantos outros cantos do planeta em que as contradições e as injustiças são visíveis aos olhos atentos – cada um da sua forma – nesse canto, as contradições se tornam ainda mais evidentes: a Cidade do Anjo, de suas belezas, riquezas e de sua fé, é também uma das mais cruéis cidades de um dos estados mais injustos de um dos países mais desiguais do planeta, cujas principais vítimas são as próprias crianças do seu povo.

Segundo o IBGE, apesar de adentrar a segunda década do século XXI como o terceiro maior PIB agropecuário do Estado de São Paulo, São Miguel Arcanjo possuía o dobro da sua média de extrema-pobreza, e, segundo a Fundação Seade, estava entre as suas cidades mais desfavorecidas socialmente: em níveis de renda, educação e saúde, numa escala de um a cinco, quando um representa melhores indicadores sociais e cinco piores, São Miguel Arcanjo ocupava o grupo cinco.

Com cerca de 35% (11.089 pessoas) da população em condições de alta vulnerabilidade social e outros 35% (10.835 pessoas) em situação de vulnerabilidade social, o município possuía os piores níveis de desenvolvimento humano do Estado de São Paulo: o IDH de São Miguel Arcanjo ocupava a posição 534 das 645 cidades paulistas analisadas pelo IBGE.

Ainda, segundo o IBGE, em 2020, o salário médio mensal da população era de 1.8 salários mínimos. A proporção de pessoas ocupadas em relação à população total era de 13.7%. Na comparação com os outros municípios do estado, ocupava as posições 568 de 645 e 522 de 645 cidades respectivamente.

Considerando domicílios com rendimentos mensais de até meio salário mínimo por pessoa, tinha 38.6% da população nessas condições, o que o colocava na posição 60 de 645 dentre as cidades do Estado, ocupando, portanto, espaço entre as cidades com os piores indicadores no quesito.

Movida essencialmente por uma economia baseada na grande produção da monocultura agrícola, a exploração do trabalho infante-juvenil em algumas lavouras do município e de cidades vizinhas promove não apenas a violência de um dos trabalhos mais prejudiciais para a saúde humana segundo a Organização Mundial da Saúde (a colheita de raízes, em especial, em São Miguel Arcanjo, da batata), mas, dentre outras mazelas, índices acima das médias estadual e nacional de evasão e exclusão escolar: cerca de 70% da juventude de São Miguel Arcanjo entre 18 e 24 anos não concluiu o ensino médio na última década.

Castigada por um modelo político, econômico e social compreendido pelo Observatório Popular Cidade do Anjo como Agrossistema, a grande quantidade de pessoas em situação de vulnerabilidades sociais, a cultura do patriarcado e do racismo, a aporofobia, a limitada quantidade de programas de prevenção, proteção e atendimento à criança e ao adolescente, reproduzem diversos tipos de violências no seio das comunidades como a exploração sexual de meninas e meninos, a violência de gênero, a ampla presença do crime organizado do tráfico de drogas, a insegurança alimentar e nutricional em diversos graus de dramaticidade humana, chegando à desnutrição e à fome, dentre outras. Como medida dessa realidade, apontamos, no mesmo período de pesquisa citado, a média de gravidez na adolescência como quase o dobro da média do Estado, e a quantidade de jovens de São Miguel Arcanjo em medida socioeducativa em meio fechado equivalente a cidades com até 100 mil habitantes. Segundo dados do Conselho Municipal de Assistência Social, 95% desses jovens foram detidos por envolvimento com o crime organizado do tráfico de drogas.

Como um canto oculto e possuindo um dos piores indicadores sociais do Estado de São Paulo, a infância e a juventude da cidade de São Miguel Arcanjo estão entre as principais vítimas da ausência de políticas públicas, recursos, projetos e programas de proteção, cuidado, prevenção e alternativas às realidades que as ferem e às impulsionam para uma precária saúde mental/emocional; para a auto mutilação, suicídio e tentativa de suicídio; para o crime organizado do tráfico de drogas; para a exploração do trabalho; para a exploração sexual; para a ausência de perspectivas e sonhos, dentre tantas outras violências.

PEDAGOGIA DA UTOPIA



ESPERANÇA

“A esperança fraudulenta é uma das maiores malfeitoras, até mesmo um dos maiores tormentos do gênero humano, e a esperança concretamente autêntica, a sua mais séria benfeitora.”

Ernst Bloch

A esperança corresponde àquele apetite da alma que as mulheres e os homens não só possuem, mas no qual consistem essencialmente como seres não-acabados. Ela é esse *afeto* da espera contra a angústia e o medo diante da vida e, por isso, o mais humano de todos os movimentos do ânimo e corresponde, ao mesmo tempo, ao mais universal e lúcido dos horizontes (Bloch, [1959] 2005: 77). E ela, a esperança, precisa ser nutrida de realidades, do real, da ação, dos saberes, poesias, de conhecimentos, da *práxis*, que é para ir se tornando, enquanto nos move, cada vez mais fecunda.

A utopia diante das violências da cidade de São Miguel Arcanjo, a Cidade do Anjo, precisa juntar à esperança que nos suporta, a inserção crítica e profunda no cotidiano, que é o que nos dá concretude à esperança e conteúdo ao pensar, e a construção de justiça cognitiva, que é o que nos torna capazes de fortalecer a utopia e *desenvolver o andar*. Um caminhar movido pelo *educar-se*, essa capacidade intrínseca do ser humano em ser, fazer e se refazer como humano e vivente no mundo enquanto caminha. São estes os momentos de uma pedagogia movida, portanto, pela esperança.

Para o pensador, “a utopia é a exploração de novas possibilidades e vontades humanas, por via da oposição da imaginação à necessidade do que existe, só porque existe, em nome de algo radicalmente melhor que a humanidade tem direito de desejar e porque merece a pena lutar” (Santos, 2013: 280). Quase todas elas “são críticas implícitas da civilização em que se enquadram e representam também uma tentativa de revelar potencialidades ignoradas pelas instituições em vigor ou soterradas debaixo de uma espessa crosta de costumes e tradições” (Mumford, [1922] 2007: 10); de mitos e farsas; de violências que ocultam as resistências, as emergências, as ausências¹ que sobrevivem apesar das ideologias que encobrem, escondem, impedem, maltratam. Como escreve Bloch, “como nenhuma exploração deve se deixar ver nua, ideologia é, *por esse lado*, a soma das representações em que cada sociedade se justificou e se transfigurou com o auxílio da má consciência” ([1959] 2005: 153).

A utopia, portanto, é crítica porque não é ingênua, nem impossível, nem ilusória. Vasculha o real. Desconstrói, desmistifica, media as suas possibilidades. Assim como a esperança não é fundamentada em uma espera vaga, pura, vã. A esperança, consciente, crítica, é um ato que não resigna, não teme, aprende a esperar: “colocada acima do ato de temer, não é passiva como este, tampouco está trancafiada em um nada” (Bloch, [1959] 2005: 13), ajustada à espera da ordem, da morte. Ela sai de si mesma, escreve Bloch, e amplia as pessoas ao invés de estreitá-las; lança-as ativamente naquilo que elas vão se tornando e do qual elas próprias fazem parte ([1959] 2005: 13) enquanto vão mediando o real, sendo também mediadas por ele, construindo um caminhar em função de uma vida que faça sentido viver.

¹ Sobre os conceitos de sociologia das emergências e sociologia das ausências (Santos, 1995, 2006, 2009, 2017), e suas reflexões pelo Observatório Popular Cidade do Anjo, ver “A Vida Delas e Deles, a Nossa, na Cidade do Anjo”, de Tiago Miguel Knob, pg 93. Acesso em: <https://opoca.org/avidadelasedeles/>.

Em um *mundo que absolutamente não é o nosso*, como mais ou menos disse certa vez Criolo, a esperança e a utopia são vitais: ou a gente imagina, sonha com uma esquina, uma rua, um bairro, uma cidade, um mundo em que a criança, a gente, possa viver e viver bem, e caminha para construí-los - aprendendo a construir - ou permanecemos impedidos de *ser*. Diante do real, e nessa relação direta entre estudo e vida, *práxis*, individual e coletivo, *educarse*, a utopia vai fortalecendo o seu sentido, a esperança a sua concretude e vice-versa. Como diz Paulo Freire, *precisamos da esperança crítica como o peixe necessita da água despoluída*. Sobre a necessidade da utopia crítica, acredito ser o mesmo:

"Pensar que a esperança sozinha transforma o mundo e atuar movido por tal ingenuidade é um modo excelente de tombar na desesperança, no pessimismo, no fatalismo. Mas, prescindir da esperança na luta para melhorar o mundo, como se a luta se pudesse reduzir a atos calculados apenas, à pura cientificidade, é frívola ilusão. Prescindir da esperança que se funda também na verdade como na qualidade ética da luta é negar a ela um dos seus suportes fundamentais. O essencial [...], é que ela, enquanto necessidade ontológica, precisa de ancorar-se na prática. Enquanto necessidade ontológica a esperança precisa da prática para tornar-se concretude histórica. É por isso que não há esperança na pura espera, nem tampouco se alcança o que se espera na espera pura, que vira, assim, espera vã" (Freire, 2015: 15).

O que importa, portanto, é saber sempre mais sobre elas, sobre nós e o real. Um saber capaz de manter a esperança e a utopia direcionadas de forma clara e solícita (Bloch, [1959] 2005: 14). Trata-se, aqui, de uma pedagogia que permita a produção de um saber capaz de ir enriquecendo a utopia e de ir fortalecendo a esperança enquanto caminham as pessoas, *as gentes* do cotidiano da cidade de São Miguel Arcanjo, a Cidade do Anjo, hoje e amanhã: "uma compreensão profunda da realidade é

essencial ao exercício da utopia, condição para que a radicalidade da imaginação não colida com o seu realismo” (Santos, 2013: 280) e para que a radicalidade da vontade não se manifeste em nenhum tipo de voluntarismo. Trata-se, enfim, nesse estudo, da *práxis* da nossa ação social em curso e de uma pedagogia que nos ajude nessa intenção.

REFERÊNCIAS

Bloch, Ernst (2005 [1959]). **O Princípio Esperança**. Volume 1. Trad. Nélio Schneider. Rio de Janeiro : EdUERJ : Contraponto.

Freire, Paulo (2015). **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 22^a ed. – São Paulo : Paz e Terra.

Gutiérrez, Francisco; Cruz, Prado (1999). **Ecopedagogia e cidadania planetária**. São Paulo : Cortez : Instituto Paulo Freire.

Mumford, Lewis (2007 [1922]). **História das Utopias**. Trad. Isabel Botto. Lisboa : Antígona.

Santos, Boaventura de Sousa (2013). **Pela mão de Alice. O social e o político na pósmodernidade**. Coimbra : Almedina.

CONTINUE A LEITURA EM

<https://opoca.org/pedagogiadautopia>

HISTÓRICO

ASAS/OPOCA

Fundada em 2002, a ASAS é responsável pela construção do Pronto Atendimento Médico do município de São Miguel Arcanjo, prédio atualmente utilizado pela Secretaria Municipal de Saúde. Com a formação do Movimento Capital Juvenil em 10 de junho de 2010, iniciam as suas ações em defesa dos direitos humanos e sociais através de um trabalho de organização em comunidade que atua com o objetivo de criar alternativas às violências culturais, econômicas e sociais que enfrentam a infância, a juventude e suas famílias em São Miguel Arcanjo.

ATUAÇÃO EM REDE

Este trabalho foi responsável por implementar em 2013, através do Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), o Programa de Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos do Ministério do Desenvolvimento Social. Ainda em 2013 deu início e acompanhou com o Ministério Público o processo que instituiu o Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS), e, paralelamente, criou o Programa SMA e a Juventude e o Projeto Cidade Escola com um conjunto de ações culturais, educacionais e sociais protagonizado pela comunidade envolvida.

Em 2016 realizou, via Poder Público, a reforma de dois espaços públicos abandonados que ficaram conhecidos como Casa Amarela e Casa Azul. Nestes locais, em articulação com as Secretarias/Coordenadorias de Educação, de Assistência Social, de Cultura e de Meio Ambiente, foram desenvolvidos projetos sócio-assistenciais, educacionais, culturais e ambientais que envolviam cerca de 200 crianças, jovens e suas famílias de um dos territórios mais castigados da cidade, o bairro Jardim São Carlos.

Em 2019 a ASAS fundou o Observatório Popular Cidade do Anjo (OPOCA) e teve a sua sede, a Casa OPOCA, reconhecida pela Secretaria de Cultura do Ministério de Turismo como Ponto de Cultura.

RELEVÂNCIA PÚBLICA E SOCIAL

O ASAS/OPOCA se desenvolve como um trabalho intergeracional que envolve crianças, jovens, suas famílias, especialmente mães, e comunidades tanto na organização da Instituição, na elaboração e no desenvolvimento de seus projetos e atividades, quanto na busca por direitos humanos fundamentais, como o direito à moradia, à alimentação, à cultura, à educação. O trabalho de organização em comunidade para a realização e desenvolvimento das suas atividades é uma parte fundamental das ofertas sócio-assistenciais da Instituição porque cria, fomenta e fortalece a participação popular, o acolhimento, o cuidado e o convívio promovendo a diminuição de tensões intrafamiliares, extrafamiliares e comunitárias, a busca por direitos e a diminuição dos riscos sociais, enquanto atua pela execução das ações do coletivo.

De 2013 a 2019 o caminhar que instituiu o OPOCA foi conteúdo de pesquisa acadêmica que resultou na tese de doutorado **A Vida Delas e Deles, a Nossa, na Cidade do Anjo: uma utopia crítica pós-colonial das gentes do cotidiano**, realizada no Programa de Pós-colonialismos e Cidadania Global do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, Portugal. Como parte das ações da Organização, a pesquisa desenvolveu a metodologia e a pedagogia de ação do OPOCA, realizou uma crítica ética à realidade são-miguelense e instituiu o Observatório Popular Cidade do Anjo como uma alternativa factível e real às violências e desigualdades sociais, se integrando a redes de organizações nacionais e internacionais que atuam em suas distintas frentes pela afirmação da dignidade humana.

Em 2023, o OPOCA/ASAS, em parceria com o Quilombo Mandinga, fundou o Movimento Utopias, iniciando um processo de regionalização de sua atuação, promovendo encontros e atividades com organizações de diferentes cidades com o objetivo de desenvolver pesquisas e ações em rede para o aprofundamento comum das ações, e atuou, em um esforço para promover e garantir direitos ainda restritos

ou violados da infância e da juventude local, para o fortalecimento da Rede Municipal de Proteção dos Direitos da Criança e do Adolescente”, através do Projeto “Nenhuma Criança e Nenhum Adolescente a Menos”, em parceria com o Núcleo de Estudos, Pesquisa, Extensão e Assessoria sobre Infância e Adolescência (NEPIA), da Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Culturais (PROEX), da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Como um dos resultados desse esforço, através do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente (CMDCA), foi instituído o Comitê de Gestão Colegiada da Rede de Cuidado e Proteção Social das Crianças e Adolescentes de São Miguel Arcanjo.

Em 2024, e como desafio para os próximos anos, o ASAS/OPOCA se propõe a atuar para a elaboração e implementação do Plano Municipal de Enfrentamento às Violências contra Crianças e Adolescentes, com o objetivo de criar, desenvolver, aprimorar e fortalecer Políticas Públicas voltadas à infância e à juventude do município.



PRESIDENTE ASAS

Cristiane Demétrio Ferreira Francis

DIRETORA

Cidinha

COORDENADOR EXECUTIVO

Tiago Mi

COORDENADORA DE OPERAÇÕES

Júlia Marques Galvão

**COORDENADOR DE PLANEJAMENTO
ESTRATÉGICO**

Daniel Knob

**COORDENADORA DE CIDADANIA
PSICOSSOCIAL**

Letícia Renault

COORDENADOR PEDAGÓGICO

Rafael Francis

REPRESENTANTE CONSELHO DIRETIVO

Rodrigo Castro Francini Rocha

REPRESENTANTE CONSELHO DE MÃES

Silvia Regina Muniz

REPRESENTANTE CONSELHO DE JOVENS

Kaique Lopes de Freitas

DEPARTAMENTO CIENTÍFICO

Maísa Antunes

Beatriz Beisiegel

Letícia Renault

Fabián Cevallos Vivar

PROJETO GRÁFICO

Sofia Marques Medeiros

FOTOGRAFIAS

Débora Fernandes

Gustavo Collins

OPOCA | Observatório
Popular Cidade do Anjo